



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
PESQUISA E PRÁTICA DE ENSINO II – 2024.2

TECENDO REALIDADES: EDUCAÇÃO DO CAMPO E EXPERIÊNCIAS NA APAE
PÁDUA/RJ

RAYANNA FIGUEIRA

Santo Antônio de Pádua

2025

TECENDO REALIDADES: EDUCAÇÃO DO CAMPO E EXPERIÊNCIAS NA APAE PÁDUA/RJ

Resumo

Em construção

1. APAE: CONHECENDO A ASSOCIAÇÃO

Este trabalho em desenvolvimento faz parte da minha jornada de formação como Educadora do Campo. O objetivo desta pesquisa é registrar e compartilhar as ações pedagógicas realizadas durante meus estágios curriculares obrigatórios, considerados essenciais no processo de formação de licenciatura no Brasil. Durante a disciplina Pesquisa e Prática Educativa II, optei por realizar meu estágio na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE em Santo Antônio de Pádua, no interior do estado do Rio de Janeiro. Escolhi a Apae por sua atuação integrada em três áreas principais: **saúde, assistência social e educação**, contribuindo com diversas práticas educativas para seus assistidos.

A Associação foi fundada em 11 de dezembro de 1954, no Rio de Janeiro. A instituição teve sua origem com um grupo de pais, amigos e médicos de pessoas com deficiência, contando com o apoio do casal norte-americano Beatrice e George Bemis. Surgiu em um contexto sociopolítico, econômico e cultural que marginalizava pessoas com deficiência intelectual e múltipla tanto do ensino público quanto do privado (APAE, 2025).

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Santo Antônio de Pádua – APAE de Pádua, está cadastrada no CNPJ sob nº 30.410.781/0001-53, estando localizada na rua Ademir de Mello, 130, Cosme Damião (bairro Alexcis), Santo Antônio de Pádua, Rio de Janeiro. As associações são financiadas por doações da comunidade, parcerias com empresas, eventos beneficentes e repasses governamentais por meio de convênios e fundos sociais. Segundo a própria Apae, sua missão é promover a inclusão, a defesa dos direitos e a melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência intelectual e múltipla (APAE, 2025). Atualmente a Apae Pádua tem um total **de 125 pessoas assistidas** por seus trabalhos e realiza **3563 atendimentos por mês** (APAE, 2025).

O meu primeiro contato com a Apae Pádua ocorreu em 2024, graças ao nutricionista da instituição, Wellington. Ele acompanhava meu trabalho nas redes sociais da Cientista do Campo, a personagem que atua na internet, levando a Educação do Campo aos ambientes virtuais. Naquela época, eu estava envolvida em algumas oficinas sobre Agroecologia, e esse trabalho despertou em Wellington a ideia de adaptar essas atividades para os assistidos da Apae. Propus a ideia à minha professora responsável pelo estágio, Jacqueline Gomes, e ela prontamente se dispôs a me ajudar em todo o processo de iniciar meu contato com a Apae. O ano de 2024 foi extremamente intenso para mim, com muitas

perdas na vida pessoal. Encontrar nessa disciplina um ambiente acolhedor e respeitoso em relação ao meu tempo para a realização do estágio permitiu que eu avançasse no meu próprio ritmo. Isso evitou que eu abandonasse, mais uma vez, a tentativa de concluir o estágio, algo que, por muito tempo, foi a maior dificuldade em todo o meu processo formativo.

Durante meus anos de licenciatura, nunca imaginei trabalhar com educação especial. Em 2022, tive uma breve experiência como mediadora escolar em uma escola de alfabetização municipal, e ela não foi positiva. Faltava uma integração eficaz entre o trabalho do mediador escolar e o da escola no contexto da educação especial. As coisas simplesmente não se conectavam. O aluno com deficiência, ao acessar o sistema de educação, quase sempre é tratado como um forasteiro, um “problema” que a escola não quer enfrentar. Durante meu tempo como mediadora, ouvi de uma professora que “não existe Paulo Freire na prática”. O que ela quis dizer é que não acreditava em um sistema de educação que promovesse o afeto, a inclusão e valorizasse as diferenças. Essa experiência me afastou da educação especial, e desde então, estive distante dessa área. É desse lugar de uma não boa experiência com a educação especial que eu venho: ter recebido o convite para ir conhecer a Apae se transformou em uma oportunidade de recomeço com essa área tão importante da formação de professores.

Figura 1 - Os pilares da Apae Pádua.



Fonte: Arquivo pessoal. Rayanna Figueira

1.1 VISITA AO TERRENINHO DA APAE: ONDE TUDO COMEÇOU

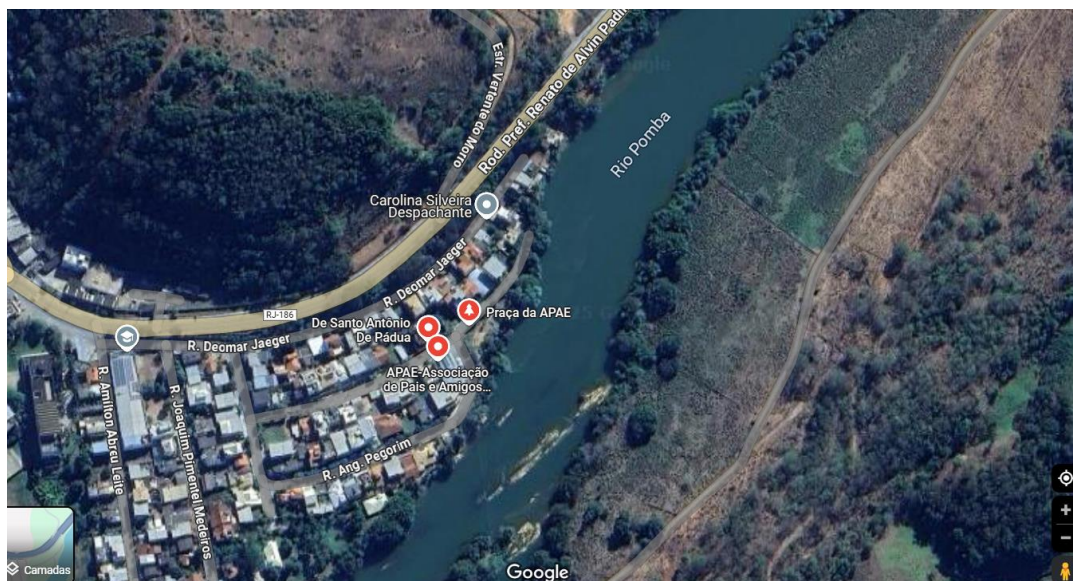
Ao receber o convite para visitar a Apae, fiquei muito curiosa com a perspectiva de uma prática educativa livre, alinhada com os valores que moldam minha identidade como educadora. A possibilidade de encontrar sentido nessa jornada, encarada como uma brincadeira, tornou-se uma maneira muito mais acessível e agradável de ser estagiária para mim. No primeiro momento, a ideia era ocupar um pequeno espaço que foi cedido para a Apae e já funciona de maneira produtiva há alguns meses, não seria iniciar a proposta de algo novo dentro da associação, mas de continuar um trabalho já existente entre professores e alunos. Eu estive algumas vezes nesse terreno, lá já tem plantado abóbora, mandioca, bananeiras, tem algumas árvores frutíferas e ervas de tempero. O espaço é administrado pelas professoras que se dividem em dias para levar as turmas ao espaço. A maior dificuldade, relatada principalmente pelas professoras, é que os alunos não tem interesse no espaço, alguns não gostam nem de sair da sala. Nesse momento, poderíamos ter aceitado essa resposta, mas aquilo ficou preso em mim. Pensei que talvez os estímulos no ambiente pudessem não estar sendo feito de maneira mais adequada: talvez, levando um pouco dos princípios que realizamos com a Educação do Campo e suas diversas áreas de atuação, pudesse de certa maneira intervir nessa relação dos alunos com a natureza e o ambiente.

Figura 2 - Apae - vista da frente



Fonte: Google

Figura 3 Localização da Apae no mapa Google



Fonte: Google

A Apae fica em um bairro de Santo Antônio de Pádua, bem perto do Rio Pomba, e corre risco de inundações quando o rio enche. Também é importante ter um **olhar ambiental** para entender o contexto em que a associação está inserida. Em um primeiro momento, a ideia de trabalhar com a terra e as práticas do campo foi estimulada a ser começada em um formato de “**Jardim Sensorial**”, o Centro de Análise e Planejamento Ambiental/IGCE/UNESP de Rio Claro SP, o CEAPLA foi utilizado como um material referência para começarmos a pensar no que poderia ser realizado no espaço. Segundo o CEAPLA (2017), um Jardim Sensorial é um espaço que, além de proporcionar bem-estar e lazer, é composto por uma grande variedade de plantas e foi criado com o propósito de estimular os cinco sentidos (tato, visão, olfato, paladar e audição). Os visitantes podem tocar nas plantas para sentir suas texturas, formas e aromas.

Devido ao **calor intenso** do verão de 2024, o início do projeto **foi adiado** para 2025, garantindo condições mais favoráveis para o plantio e a preparação do espaço. Esse período de espera também nos permite um planejamento mais detalhado, com a seleção de espécies vegetais adaptadas ao clima e a implementação de sistemas de drenagem para evitar inundações. O jardim, destinado à comunidade em geral e a pessoas com limitações físicas, como cegos, pessoas com baixa visão e cadeirantes, será um espaço inclusivo e sensorial. Acredito que a participação da comunidade em mutirões e oficinas fortalecerá o senso de pertencimento, transformando o local em um refúgio verde de bem-estar, terapia e educação às margens do Rio Pomba.

2. CAMINHO DA ESCOLA: CONHECENDO A REALIDADE

Iniciei o meu estágio, a princípio, como observadora da escola, dos professores, dos estudantes e de como funcionava toda a parte organizacional da Apae. A Apae Pádua existe há mais de 40 anos e já passou por diversas reformas e melhorias em seu ambiente. Hoje conta com uma estrutura muito boa, ampla, salas de aula com ar-condicionado, 2 piscinas climatizadas, refeitório, banheiros, possuem uma van própria que transporta os alunos, um salão de festas no segundo andar que possui estrutura muito ampla para eventos, muitas vezes a comunidade aluga o espaço para suas comemorações, possuem alguns ambulatorios e diversos atendimentos em áreas diferentes do cuidado da saúde. Ela funciona integralmente, com turnos dividindo os estudantes e garante que eles se ocupem de diversas atividades ao longo do dia.

Tive muita liberdade para frequentar os espaços da Apae, a diretora e todos os colaboradores me receberam muito bem e relataram ficar muito felizes quando recebem estudantes da Universidade Federal Fluminense no espaço. As turmas são organizadas e separadas tanto por idade quanto por condições específicas. Por exemplo, há uma classe com cinco crianças numa idade média de 5 anos, todas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que geralmente convivem. Quando alguma criança dessa turma se encontra muito agitada ou até mesmo agressiva/nervosa, ela é retirada da sala e realiza outra atividade em um espaço diferente. Um dos alunos dessa turma costuma permanecer bastante no refeitório, um local onde ele se sente bem, e essa preferência é respeitada.

Em outro momento, entrei na sala das crianças maiores, com idade média de 9 anos. As atividades desenvolvidas em sala eram bastante diversificadas: pude observar o uso de recortes de revistas, colagens, pinturas, além de estímulos por meio de músicas e jogos. Um aspecto que chamou atenção foi a valorização da autonomia dos alunos, permitindo que eles criassem e explorassem suas próprias ideias de forma livre e criativa.

Durante o estágio, também tive a oportunidade de visitar a sala dos adultos, uma experiência que se mostrou desafiadora. A presença de uma pessoa nova no espaço despertou reações intensas em alguns alunos, afetando seu temperamento e dinâmica. Compreendendo que a introdução de uma figura desconhecida pode gerar desconforto e que certas aproximações exigem um processo mais gradual e cuidadoso, optei por não insistir em permanecer na sala naquele momento.

Essa decisão foi tomada com o intuito de respeitar o espaço emocional dos alunos e evitar possíveis estresses, reconhecendo que a construção de vínculos e a adaptação a novas presenças demandam tempo e estratégias pedagógicas específicas. Essa experiência reforçou a importância de uma abordagem sensível e paciente no trabalho com educação inclusiva, especialmente em contextos que envolvem indivíduos com necessidades específicas.

2.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

O estágio realizado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Santo Antônio de Pádua/RJ teve como objetivo central **implementar o inventário da realidade**, uma metodologia amplamente utilizada na Educação do Campo, como ferramenta para compreender e intervir no contexto da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Santo Antônio de Pádua/RJ. O inventário da realidade consiste em um processo de investigação e mapeamento das condições sociais, culturais, econômicas e ambientais do local, visando identificar potencialidades, desafios e demandas específicas da comunidade. A partir dessa análise, busca-se promover práticas educativas contextualizadas e inclusivas, que respeitem as particularidades dos alunos e integrem os saberes locais ao processo de ensino-aprendizagem.

As atividades foram planejadas de forma a incentivar a expressão individual e coletiva, utilizando recursos lúdicos e práticos que facilitassem a aprendizagem e a integração dos alunos no contexto escolar e comunitário. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa e prática de ensino desdobrou-se em três objetivos específicos. São eles:

- **Mapear as características sociais, culturais, econômicas e ambientais da comunidade** onde a APAE está inserida, identificando as potencialidades e os desafios do território;
- **Elaborar propostas pedagógicas contextualizadas**, que utilizem o inventário da realidade como base para o planejamento de atividades práticas e interdisciplinares.
- **Documentar e socializar os resultados do inventário da realidade**, criando um registro detalhado que possa servir como referência para futuras intervenções e pesquisas na área da educação inclusiva e do campo.

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada durante o estágio na APAE foi fundamentada na **observação participante** e na **intervenção pedagógica**, permitindo uma imersão profunda no contexto educacional e social da instituição. Inicialmente, foram realizadas visitas para conhecer a estrutura, as práticas pedagógicas e o perfil dos alunos, com registros detalhados em diário de campo e anotações sobre as atividades desenvolvidas. Essa fase de observação foi crucial para compreender as dinâmicas locais e identificar as necessidades e potencialidades da comunidade. Em um segundo momento, foram planejadas e implementadas atividades lúdicas e sensoriais, adaptadas às características dos alunos, com o intuito de promover o desenvolvimento integral e a inclusão. A participação em reuniões com a equipe da APAE permitiu ajustes contínuos nas propostas, garantindo que as intervenções fossem alinhadas às expectativas e realidades locais.

No próximo estágio, o foco será a finalização do inventário da realidade, consolidando os dados coletados e realizando uma análise detalhada das características sociais, culturais, econômicas e ambientais da comunidade. Esse processo permitirá a elaboração de propostas pedagógicas contextualizadas, que integrem os resultados do inventário e promovam atividades práticas e interdisciplinares. Além disso, a socialização dos resultados por meio de encontros, seminários e materiais de divulgação será essencial para garantir que as experiências e aprendizados sejam compartilhados com a comunidade e sirvam como referência para futuras intervenções.

4. ATIVIDADES PRÁTICAS – NOVEMBRO E DEZEMBRO de 2024

Ao longo do estágio, em parceria com o corpo docente da APAE e com o apoio do professor Fábio Oliveira, por meio do Laboratório de Ética Ambiental e Animal (LEA), organizamos um dia de oficinas práticas que visavam promover uma maior integração entre os alunos, os professores e a universidade. Essa iniciativa também proporcionou aos alunos uma experiência enriquecedora de vivência em um ambiente natural. Foram realizadas oficinas de micro verdes, tintas naturais e bolsas ecológicas, além de um delicioso café da manhã compartilhado. O encontro ocorreu na parte da manhã do dia 27 de novembro de 2024, no Território de Experiências Interdisciplinares Agroecológicas (TEIA), um espaço da universidade dedicado à conexão com a natureza e à prática de atividades sustentáveis. Nesse primeiro momento de atividades e convivência, tem sido uma forma valiosa de estreitar nossos laços e criar uma conexão mais próxima. Aos poucos, estou transformando em rotina a minha presença no ambiente deles, assim como eles estão se acostumando a fazer parte do meu espaço. Essa troca contínua tem fortalecido nossa relação e criado um senso de pertencimento mútuo.

Figura 4 Manhã de Oficinas no TEIA



- **Oficina de Tintas Naturais:** Utilizando elementos da natureza (como beterraba, açafrão e barro) para criar tintas, os alunos puderam explorar cores, texturas e aromas, estimulando a criatividade e o contato com materiais naturais; A oficina de tintas naturais permitiu a exploração de cores, texturas e aromas a partir de elementos da natureza, como beterraba, açafrão, o próprio barro e outros biomateriais, promovendo o contato com materiais sustentáveis e a expressão artística.

Figura 5 - Artes produzidas pelos alunos Apae durante a oficina de tintas naturais



- **Visita ao Espaço TEIA:** Uma experiência fora do ambiente escolar, onde os alunos tiveram a oportunidade de interagir com um espaço educativo que promove a conexão com a natureza e ambiente;

Figura 6 - Eu e uma aluna passeando pelo Teia



- **Oficina de Micro Verdes (ou brotos):** Durante a atividade, os alunos tiveram a oportunidade de aprender sobre o cultivo de micro verdes, desde a preparação do substrato até a colheita, compreendendo a importância desses vegetais jovens, ricos em nutrientes e de fácil cultivo, mesmo em pequenos espaços. Além disso, a vivência do contato direto com a terra e as plantas estimulou os sentidos, promoveu o bem-estar e contribuiu para o desenvolvimento de habilidades motoras e a sensação de responsabilidade com o planeta. Eles puderam plantar algumas sementes e entender o processo de cultivo. Tinham diversos brotos para a oficina, foi muito interessante ver eles experimentando os brotos, alguns gostando do sabor, outros odiando.

Figura 7 Oficina de MicroVerdes



- **Oficina de bolsas ecológicas:**

Ao ensinar a confecção de bolsas com materiais recicláveis ou reutilizáveis, a oficina incentivou práticas ambientalmente responsáveis, reduzindo o desperdício e o consumo de recursos naturais. A oficina despertou o interesse de vários alunos além de ter se criado um espaço de troca de conhecimentos e experiências, algumas mães de alunos são costureiras, por exemplo, e isso foi mencionado. Alguns alunos sabiam costurar.

Figura 8 Oficina de bolsas ecológicas



No dia 13 de dezembro, nos reunimos novamente na APAE para realizar mais uma edição da **oficina de tintas naturais**, que já havia feito muito sucesso entre os alunos. Dessa vez, contamos com a participação de estudantes que ainda não tinham tido a oportunidade de vivenciar essa atividade. Além disso, introduzimos a **oficina de cerâmica**, uma prática que tenho desenvolvido como hobby e que percebi ser uma excelente adição às práticas educativas. A cerâmica mostrou-se uma ferramenta valiosa para estimular a criatividade, a coordenação motora e a expressão artística dos alunos, integrando-se de forma significativa ao processo de aprendizagem e inclusão. Foi um dia repleto de trocas, descobertas e muita inspiração!

Figura 9 Oficina de cerâmica



Figura 10 Oficina de tintas naturais



Figura 11 Oficina de tintas naturais - alunos



Sobre o Inventário

O inventário é uma ferramenta para levantamento e registro organizado de aspectos materiais ou imateriais de uma determinada realidade. Levantamentos quantitativos e ou qualitativos. Pode-se fazer um inventário de bens, de valores, de produções econômicas, culturais, sociais, de recursos naturais, de pessoas, de formas de trabalho, de lutas, de hábitos e costumes, de conhecimentos, de atividades agrícolas, de indústrias, de conteúdos de ensino, de livros lidos pelos estudantes e seus educadores.

Inventariar a realidade do entorno da escola

Estamos propondo este guia para uso das escolas do campo e o inventário aqui tratado é basicamente sobre o que existe no entorno delas. No trabalho de educação e particularmente na escola de educação básica, buscar conhecer o lugar em que se insere, e suas relações sociais e ecológicas com as questões da realidade mais ampla, integra uma determinada concepção de educação e de escola.

Na concepção que nos orienta, é preciso pensar a escola como parte de processos formativos que constituem a vida social e as relações entre ser humano e natureza, intencionalizados em uma direção emancipatória. Por isso a escola não pode desenvolver sua tarefa educativa apartada da vida, suas questões e contradições, seu movimento. Mas esta ligação entre escola e vida (trabalho, luta, cultura, organização social, história) precisa de uma formulação pedagógica séria, para que os momentos de estudo não se reduzam a conversas sobre aspectos ou problemas da realidade, mas possam garantir efetiva apropriação de conhecimentos necessários à construção de novas relações sociais e de relações equilibradas entre o ser humano e a natureza. Buscamos um modo de estudo que articule trabalho, conhecimento, ensino e participação dos estudantes na condução da vida escolar. E buscamos construir a escola como um lugar de formação humana multidimensional e um centro cultural de referência para a comunidade.

Caminhar nesta direção exige que o conjunto dos sujeitos da escola parta de uma base comum, objetiva e detalhada, de informações sobre a realidade a ser trabalhada pelo plano de estudos.

O *roteiro de inventário* que apresentamos a seguir é uma forma de organizar o trabalho de levantamento das informações sobre o entorno da escola (e também sobre seu interior). No entanto é importante compreender o inventário como um processo dinâmico, em movimento. Elementos da observação e do diálogo cotidiano podem contribuir para compor este roteiro.

Os levantamentos propostos consideram questões da realidade atual e visam prioritariamente o uso pedagógico dos dados pela escola, em suas diferentes atividades educativas. O inventário é uma ferramenta de trabalho para materializar sua ligação com a vida e as relações sociais de que é parte. Mas à medida que a escola organiza e disponibiliza as informações levantadas, ela passa a ser uma fonte de dados e de materiais de pesquisa para o conjunto da comunidade e para variados usos. E se trata de um trabalho dinâmico e cumulativo: se a escola conseguir estabelecer esta relação viva com a comunidade, ela própria (famílias, grupos, organizações,...) poderá tomar

a iniciativa de fornecer novos dados ou atualizar as informações do inventário, em um fluxo contínuo e educativo.

Objetivos do inventário

Nas escolas do campo visamos alguns usos prioritários das informações a serem levantadas pelo inventário, usos relacionados a nossos objetivos formativos:

- identificar possibilidades de relação da escola com o trabalho socialmente produtivo, para discussão com a comunidade e possível inclusão no planejamento pedagógico;
- levantar informações para estudos sobre agroecologia e agricultura na relação com o trabalho, considerando a possibilidade real de ligação das escolas do campo com atividades de produção agrícola de base agroecológica, e a necessidade de refletir sobre a realidade da agricultura hoje e suas mudanças no tempo e no espaço;
- verificar porções da realidade inventariada que possam ser ligadas ao estudo dos conteúdos de ensino das diferentes áreas;
- identificar conteúdos a serem incluídos no plano de estudos em vista da compreensão de questões relevantes da realidade atual;
- levantar possibilidades de pesquisas ou visitas de campo com os estudantes para aprofundar o estudo científico de determinadas questões da realidade na relação com os conteúdos de ensino.

No planejamento da realização do inventário, é importante que cada escola discuta também seus objetivos específicos com esta ferramenta, considerando o processo educativo que ali se desenvolve e as necessidades reais de conhecimento da realidade. E que desenvolva a preparação considerando o inventário como uma forma de *diálogo de saberes* entre as famílias, entre a escola e a comunidade, entre educadores e educandos, e com a natureza, de que todos somos parte.

Entorno da escola

Estamos entendendo por *entorno* da escola o meio geográfico onde ela se situa, mas combinado com as relações sociais e comunitárias que ela estabelece por meio dos seus sujeitos, especialmente os estudantes e suas famílias. Isto quer dizer que uma mesma escola pode ter relação com diferentes comunidades, cujos núcleos de moradias e unidades de produção têm proximidade física maior ou menor. Uma escola que recebe grupos de estudantes de comunidades vizinhas precisa fazer o inventário dos diferentes locais, à medida que atividades de trabalho e de estudo possam acontecer nelas.

Também é importante identificar aspectos de um entorno um pouco mais distante, mas que influenciam significativamente a vida das famílias, das comunidades que integram a escola, por exemplo, a existência de uma fábrica ou de uma agroindústria próxima que recebe trabalhadores da comunidade ou com a qual as famílias se relacionam comprando ou vendendo produtos, ou que afeta o meio ambiente da região.

Cada escola precisa decidir, em função dos objetivos específicos do seu inventário, qual o recorte do entorno a ser investigado, considerando estas totalidades que se entrelaçam: - as redondezas do prédio/local da escola; - a área de vizinhança da escola; - a(s) comunidade(s) envolvida(s) com a escola e suas atividades. Em alguns casos todas estas possibilidades de entorno são fisicamente próximas; em outros, elas significam que fazer o inventário implicará deslocamentos das pessoas para conseguir as informações. Tudo isso precisa ser considerado no plano de realização do inventário.

Construindo um roteiro-guia para fazer o inventário

Organizamos esta proposta de guia para realização do inventário em **duas fases**. Na prática são dois roteiros, necessariamente articulados entre si, mas com objetivos específicos e com focos, tempos e procedimentos diferentes. Trata-se apenas de um guia, que poderá ser recriado ou ajustado conforme as circunstâncias locais e os objetivos do uso desta ferramenta em cada escola ou entre escolas que se articulem para processos coletivos de planejamento.

A **primeira fase** se refere aos levantamentos gerais básicos para usos diversos na escola e pela comunidade. As informações a serem levantadas estão indicadas por *blocos*. A depender dos objetivos discutidos em cada escola, um bloco poderá ser mais detalhado do que outro, mas é muito importante ter dados básicos em todos os blocos, porque eles se referem a diferentes dimensões da vida com a qual o trabalho pedagógico da escola precisa ser conectado. A ordem dos levantamentos ou se eles serão feitos todos de uma vez é uma decisão do planejamento de cada escola.

A **segunda fase** do inventário supõe a realização da primeira e a sistematização dos dados nela levantados, para que sirvam de base para este novo passo do trabalho. Desenhamos o roteiro desta segunda fase a partir de um objetivo específico: que a escola possa contribuir de alguma forma com as famílias de determinada comunidade que decidam pelo caminho de uma *reconstrução ecológica e social da agricultura*. Mas os levantamentos propostos indicam possibilidades de continuar o trabalho como pesquisa em outros estudos coordenados por algumas disciplinas ou feitos entre disciplinas de uma determinada etapa da educação básica. O roteiro principal permite chegar a um estudo introdutório sobre os agroecossistemas presentes no entorno da escola. Partimos de formulações já existentes no âmbito da *agroecologia*², ajustadas para realização pelos estudantes ou com sua participação, caso integre uma ação mais ampla do conjunto da comunidade.

Como fazer o levantamento das informações

O levantamento precisa ser planejado para cada fase. Na primeira fase pode ser organizado por bloco. Para cada bloco é preciso verificar primeiro que informações a escola já tem e atualizadas; o que já está em registros ou documentos que podem ser consultados: não tem porque ocupar as pessoas com perguntas que se tem como ter a resposta de outra forma, a menos que seja para confrontar informações; as entrevistas e rodas de conversa devem priorizar aspectos que sejam de memória ou de conhecimento oral, ou dos quais não se tenha registros confiáveis. A partir daí é necessário distinguir entre os dados que podem ser obtidos pela observação e anotação do que for observado, e o que implicará entrevistas ou conversas, e quais precisam ser feitas com cada família ou podem ser feitas apenas com algumas lideranças comunitárias ou representantes de organizações coletivas locais.

Em ambas as fases o inventário deve ser uma atividade realizada em conjunto por estudantes e professores da escola, envolvendo outros membros da comunidade na realização ou na discussão dos objetivos e usos das informações levantadas. É muito importante que o inventário seja assumido como tarefa da comunidade e não apenas da escola.

Especialmente para a segunda fase é fundamental contar com a participação de pessoas da área da produção e ou com profissionais das ciências agrárias (da escola ou de equipes técnicas com atuação no local). É necessário ter uma equipe de coordenação e não ser uma atividade de educadores ou turmas isoladas, exatamente porque precisa se tornar um material de apoio ao planejamento pedagógico do conjunto da escola. Serão várias pessoas trabalhando ao mesmo tempo, de forma organizada e planejada. A divisão de tarefas pode ser feita pela quantidade de famílias a serem entrevistadas, pela natureza da tarefa (organizar os registros, ler documentos e extrair os dados), ou pela familiaridade dos educadores que comporão cada equipe com determinados assuntos ou blocos. E os docentes das diferentes disciplinas ou áreas, à medida que são envolvidos no planejamento, podem indicar novos aspectos a serem levantados, visando seu uso pedagógico específico.

O processo de realização do inventário deve ser tão educativo como o uso posterior de seus resultados. Isso implica planejamento e organização coletiva, participação efetiva dos estudantes e que todos entendam o processo em andamento e seus objetivos, tendo apropriação sobre o conteúdo das perguntas e observações que fazem. E certos estudos prévios em sala de aula serão necessários na

preparação para realização do inventário, já implicando conteúdos de ensino a incluir no plano de estudos da escola.

Quando se faz o inventário

Um inventário como este proposto não é uma atividade que possa ser feita de uma vez e de uma vez para sempre. *É um processo cumulativo, que deverá ser feito passo a passo.* Por isso é necessário que a escola inclua a realização do inventário em seu planejamento, estabelecendo as tarefas e definindo quem faz o que e em que tempo. Lembramos que o melhor é realizar uma fase depois da outra. E que a segunda fase supõe a primeira, mas a primeira não supõe necessariamente a realização da segunda. Dependerá do planejamento mais amplo da escola.

Quando o inventário for feito pela primeira vez por uma escola, será preciso decidir qual o melhor período para que o maior número de educadores e de estudantes possa ser envolvido, considerando que esta atividade terá vários passos e ocupará um bom tempo. Possivelmente aconteça ao longo do ano, sendo as informações aproveitadas aos poucos. Já no ano letivo seguinte à realização do inventário se poderá considerar o conjunto das informações no planejamento pedagógico da escola. A princípio os levantamentos de campo não poderão ser feitos todos no horário escolar regular (pelo tempo exigido), a menos que se trate de uma escola em tempo integral. Já a sistematização dos dados de ambas as fases e alguns dos procedimentos de campo previstos em ambas as fases, poderão integrar o planejamento de atividades pedagógicas de alguma disciplina ou entre disciplinas no próprio tempo aula.

A realidade que estamos inventariando é dinâmica, vai mudando. Mas nem tudo muda de um ano para outro. Recomenda-se que depois de feito o primeiro, a escola passe a colocar na sua agenda anual a atividade de atualização do inventário, que não significa fazer todos os levantamentos de

novo, mas buscar identificar alterações e novos aspectos que precisam ser revistos ou acrescentados. A periodicidade da atualização vai depender de cada realidade e das novas exigências dos processos formativos. E talvez se possa pensar na realização da primeira fase em um ano e da segunda fase no ano seguinte, já incluindo alguma atualização necessária das informações dos levantamentos básicos.

Como sistematizar/organizar os dados

A forma de organizar e disponibilizar as informações levantadas vai depender dos objetivos de cada escola com esta ferramenta, do contexto específico de sua realização e da decisão de realizar ou não as duas fases. Pensando na primeira fase, se o inventário integra um planejamento pedagógico comum entre escolas próximas ou de uma determinada região, por exemplo, há necessidade de sistematizar o que há de comum entre elas, em alguma forma de síntese, sempre tomando o cuidado de não descartar/perder a memória dos registros feitos no momento de cada levantamento (que devem ficar arquivados na escola). Se o inventário é feito para uso da própria escola, mas com mais de uma comunidade pesquisada, também há necessidade de sistematizar aspectos comuns. Caso se trate de uma mesma comunidade, a necessidade será de organizar os registros em uma forma de síntese que permita o acesso pelo conjunto da escola, incluindo estudantes e educadores que vão chegando a cada período.

Pensando na segunda fase, possivelmente se tenha que fazer um tipo de sistematização de dados e de texto escrito para cada bloco, a depender da natureza das questões envolvidas e de modo a facilitar o uso posterior, tanto nas atividades de ensino como de trabalho.

É importante conceber o inventário como uma ferramenta de trabalho. *Os levantamentos podem ser usados à medida que são feitos.* Sínteses parciais de alguns blocos podem ir direto para trabalho de sala de aula em determinadas disciplinas ou áreas. Mas isso não tira o compromisso da *elaboração de um documento-síntese* que poderá incluir quadros, tabelas e desenhos ou mapas, que organizem ou permitam visualizar mais facilmente as informações levantadas em cada fase. É preciso que se discuta isso no momento do planejamento do inventário, para que se chegue a um formato de documento que seja prático e para uso frequente. É fundamental envolver os estudantes também neste momento, conforme as condições de trabalho de cada idade e orientados pelos educadores. Outros arquivos poderão compor a memória do inventário: fotografias, conversas gravadas, banco de sementes, herbário das principais plantas da região, cadernos de receitas culinárias

No primeiro momento, estou organizando a elaboração dos dados da Fase 1.

Roteiro Fase 1 – Levantamentos básicos

Bloco 1: Recursos Naturais: (re)conhecendo a biodiversidade

Como é a vegetação natural da área? Que plantas nativas/espontâneas estão presentes: arbóreas e herbáceas. **Existem muitas árvores no entorno da Apae, mas não por dentro da instituição.**

Há reservas na área? De que tipo? **Existe um pequeno terreno, ao lado do prédio principal, cedido para cultivo de alimentos na Apae. Ainda não entendi com exatidão como funciona esse processo.**

Que animais existem no lugar: nativos e domésticos. **Não**

Quais os tipos de relevo, que acidentes geográficos existem? Há erosão, voçorocas, ravinas? **O prédio da APAE está em perfeitas condições, mas a Praça da Apae, um espaço incrivelmente bonito e significativo, cercado por árvores e localizado às margens do Rio Pomba, permanece interditada há anos. Desde a primeira vez que visitei a APAE e perguntei sobre a praça, ouvi a mesma resposta: ela estaria incluída no projeto de reconstrução da prefeitura. No entanto, ao ter acesso ao projeto, não encontrei nenhuma indicação clara de prioridade ou planejamento para a execução das obras de revitalização. A praça, com seu potencial para ser um espaço de convivência, lazer e integração com a natureza, poderia trazer benefícios imensos para os alunos, funcionários e a comunidade em geral. Sua revitalização não só valorizaria o entorno da APAE, mas também reforçaria o vínculo entre as pessoas e o meio ambiente, algo tão essencial para a missão da instituição. Espero que, em breve, haja um esforço conjunto para transformar esse projeto em realidade, devolvendo à comunidade um espaço tão especial e cheio de significado.**

Quais os tipos e as características (físicas, químicas e biológicas) do solo: cor, estrutura (arenosa, argilosa...), terra solta ou compactada, presença de matéria orgânica? Quais os tipos de rocha existentes e que uso se faz delas? **Solo argiloso, terra compactada e matéria orgânica (terreno da Apae).**

Quais são os indicadores considerados significativos pelos agricultores para definir que o solo é de boa qualidade? E quais as condições atuais de qualidade do solo deste local? Observa-se, por exemplo, a presença de plantas indicadoras de qualidade do solo? Quais? **Em andamento**

Como é o clima na região: qual a regularidade das chuvas, qual a média de temperaturas ao longo do ano, qual a média de dias de sol por ano... **O clima está bastante extremo, com uma combinação de seca intensa, calor excessivo e umidade elevada. Na região onde estamos, enfrentamos temperaturas muito altas e chuvas fortes, o que aumenta o risco de inundações. É aquela situação em que o tempo parece desregulado: em um momento faz um calor intenso, e no outro vem uma chuva torrencial que alaga tudo.**

Há fontes de água no entorno? Quais? Existe algum riacho, rio, lagoa, açude ou vertente de água no local ou próximo? Há alguma barragem em área próxima? **Como é a qualidade da água? Rio Pomba, nas margens da Apae.**

BLOCO 2: PESSOAS / FAMÍLIAS QUE COMPÕEM A COMUNIDADE DA ESCOLA: CARACTERÍSTICAS DE CONSTITUIÇÃO, ASPECTOS SOCIAIS, ECONÔMICOS E CULTURAIS

(Considerar a opção de fazer os levantamentos das diferentes comunidades de origem dos estudantes (se for o caso) ou apenas daquela onde fica localizada a escola.)

Quantas são as famílias da comunidade (local e ou de cada comunidade envolvida na escola)? De onde vieram? A que etnias pertencem? Quais os tipos de composição das famílias que existem nesta comunidade? **Em andamento**

Há pessoas portadoras de deficiências físicas ou mentais na comunidade? Quais as deficiências presentes e como são tratadas? **A Apae é especializada no atendimento de pessoas com deficiências físicas e mentais.**

Quais as principais características econômicas, sociais, culturais das famílias? Como se dão as relações de gênero e entre gerações? Que relações existem entre as famílias? **Em andamento**

Como são as moradias (condições básicas, características estéticas, proximidade entre elas...). O que existe no entorno próximo das moradias? **Em andamento**

Que móveis e eletrodomésticos existem na maioria das moradias (mesa, cadeiras, cama, fogão, geladeira, aparelho de TV e de som...) **Em andamento**

Como é o acesso a luz elétrica, saneamento, água? **Em andamento**

Quais os meios de comunicação e de acesso às informações que são utilizados pelas famílias? **Em andamento**

Há uso de internet, quem usa, para que finalidade e com que regularidade? **Em andamento**

Quais os meios de transporte mais usados pelas famílias e como são as estradas? **Em andamento**

Que atividades de lazer são realizadas coletivamente ou por determinados grupos e quando acontecem? **Em andamento**

Há festas tradicionais que se realizam na comunidade, que datas costumam ser celebradas mais fortemente pelas famílias? **Em andamento**

Que igrejas/religiões atuam no local e que práticas desenvolvem com as famílias? **Em andamento**

Há grupos artísticos no local? Existe acesso próximo a atividades/produções artísticas, música, pintura, teatro...? **Em andamento**

Há museus ou outros centros de memória no local ou que não estejam muito distantes da escola? E há bibliotecas próximas? **Em andamento**

Quais são os principais hábitos alimentares das famílias e características da cultura alimentar da comunidade? Quais os alimentos consumidos regularmente, todos os dias ou todas as semanas? A maioria dos alimentos é produzida no local ou comprada na cidade? Que alimentos são

adquiridos no mercado e em que quantidades? A maioria dos alimentos ingeridos contém agrotóxicos? Há muito consumo de alimentos processados ou ultraprocessados? Observar formas de preparo dos alimentos, nas famílias, em refeitórios coletivos quando houver; coletar receitas culinárias típicas do local ou da região. Identificar a percepção das famílias sobre a qualidade dos alimentos. **Em andamento**

Quais os problemas de saúde mais comuns entre as famílias e como costumam ser tratados? Como é o atendimento de saúde? Há iniciativas de tratamentos alternativos, quais e como é sua receptividade pelas famílias? Existe posto de saúde na comunidade ou próximo? **Em andamento**

O que se faz com o lixo (restos de alimentos, embalagens, latas, garrafas,...) nas casas e no conjunto da comunidade? **Em andamento**

Qual a média de anos de escolarização entre as famílias? Há pessoas (e em que faixa etária) que não são alfabetizadas? Existe algum trabalho de alfabetização de jovens e adultos na comunidade ou na região? Há espaços educativos coletivos para crianças de 0 a 6 anos? Qual a distância entre a moradia e a escola mais próxima (de educação infantil, ensino fundamental, médio e superior)? **Em andamento**

Quais são as fontes de renda da família? Listar as rendas, indicando o que e quanto: * monetária (a que pode ser medida, salário, cheque do leite, venda de produtos...) e não monetária (a que não é transformada em dinheiro, indo direto para o autoconsumo); * agrícola: cultivos, criação de animais e processamento simples de produtos da agricultura; não agrícola: salário, diárias, prestação de serviços, aposentadoria, pensão, auxílios previdenciários, bolsa família, etc.; identificar o total mensal e anual e o beneficiário. No caso de salário, diárias ou prestação de serviços, identificar o tipo de atividade e quanto tempo a pessoa dedica a esse trabalho na semana... **Em andamento**

As famílias têm acesso a que políticas públicas ou programas? Acessam financiamentos, assistência técnica, habitação rural, saúde, educação, PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar)? **Em andamento**

As famílias têm dívidas financeiras? De que tipo? Há alguma inadimplência junto a bancos ou outras instituições de crédito? Há algum planejamento para quitar as dívidas? **Em andamento**

BLOCO 3: PRODUÇÃO: SISTEMAS PRODUTIVOS E USO DE TECNOLOGIAS

Quais as formas de acesso à terra: terra própria de cada família ou pessoa, posse, arrendamento, comodato, uso comunitário...; área total ocupada (para produção, moradia e outros usos comunitários)...

Em andamento

Quais os cultivos existentes: que plantas são cultivadas (espécies e variedades) e para que finalidades? Há consórcios de plantas e rotação de culturas? Qual a origem das sementes utilizadas? Quais as formas

de cultivo e que tecnologias são utilizadas? São usados fertilizantes sintéticos e agrotóxicos? São usados adubos ou outros produtos orgânicos? **Em andamento**

Que animais são criados (e de que raças) e para que finalidades? Quais as formas de criação e qual o uso de tecnologias? **Em andamento**

Existe processamento de produtos? Quais? Por iniciativa de cada família para seu próprio uso ou há atividades comunitárias simples para consumo das famílias ou para venda em feiras, etc. **Em andamento**

Há agroindústrias formalmente constituídas no local ou no entorno, em que forma de propriedade, quem trabalha nelas e qual sua forma de gestão? **Em andamento**

Existem atividades extrativistas, quais, quem trabalha nelas? **Em andamento**

Existem práticas de artesanato, quais, quem trabalha nelas?

Em andamento

Há outras indústrias no local ou no entorno ou na região? Quais as principais e quem são seus proprietários? De onde são seus trabalhadores? Há membros desta comunidade trabalhando nelas? Em que regime de trabalho? **Em andamento**

É feito uso de maquinários e ferramentas nas atividades produtivas? Quais, em que atividades são utilizadas, quem os têm e quem os opera? Há fabricação local de instrumentos de produção, quais, como são feitos? Como são as instalações das diferentes atividades produtivas? **Em andamento**

Quais os resultados da produção? O que é produzido para consumo doméstico (de cada família ou de um grupo coletivo/comunitário)? Há excedentes de produção que são comercializados e onde/para quem? Há produção feita exclusivamente para comercialização? Quais produtos? Como e onde é feita a comercialização de cada produto, quando acontece? **Em andamento**

Há alguma forma de “assistência técnica” no local? Quem faz e de que forma? **Em andamento**

BLOCO 4: FORMAS DE TRABALHO E SUA ORGANIZAÇÃO

Qual a divisão social do trabalho entre as diferentes atividades produtivas existentes na comunidade: quem faz o que? **Em andamento**

Qual a forma predominante de organização do trabalho: familiar, trabalho coletivo (grupos, associações, cooperativas,...), outras formas? Existe trabalho assalariado para atividades produtivas internas à comunidade? Existem trabalhadores assalariados de empresas externas próximas? Como se dá a participação das mulheres, dos jovens e das crianças no conjunto do trabalho, nos processos de decisão e de execução? **Em andamento**

Como é feito o trabalho doméstico: o que é feito em cada família? há serviços comunitários, como por exemplo, cuidado de crianças, preparo de alimentação em refeitórios coletivos,...? **Em andamento**

BLOCO 5: LUTAS SOCIAIS E FORMAS DE INSERÇÃO E ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DAS FAMÍLIAS

As famílias desta comunidade participam em movimentos sociais, organizações de trabalhadores, outras entidades (locais e mais amplas)? Indicar quais e se a participação é de toda família ou só dos homens, das mulheres, dos adultos, dos jovens... **Em andamento**

Quais as questões que têm mobilizado a organização ou participação nas lutas? **Em andamento**

Que formas de organização coletiva existem na comunidade? Entre as comunidades? **Em andamento**

Que organizações ou entidades ou instituições estão presentes e ou têm influência significativa sobre as relações e práticas da comunidade (movimentos sociais, sindicatos, igrejas, grupos culturais, órgãos públicos, cooperativas, entidades do agronegócio...)? **Em andamento**

BLOCO 6: ESCOLA: ESTRUTURA FÍSICA, FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E ASPECTOS CURRICULARES

Quais são as condições de infra-estrutura da escola: salas de aula, biblioteca, equipamentos de laboratório de ciências, acesso a luz elétrica, água, saneamento, internet, local para prática de esportes,...

Em andamento

Quem são os educadores: de onde vêm, qual a formação, qual o regime de trabalho, se há rotatividade...

Em andamento

Quem são os estudantes? Suas características de faixa etária, origem, etnia, gênero, vínculos familiares e sociais... **Em andamento**

Como é a organização do trabalho na escola: entre os educadores, com os estudantes? **Em andamento**

Como se dá a gestão da escola: há processos em que os estudantes estão ou poderiam estar envolvidos?

Em andamento

Há alguma experiência de auto-organização dos estudantes? Como funciona? **Em andamento**

Há formas de interação com a comunidade? Quais?

Em andamento

Qual a referência seguida pela escola na seleção de conteúdos de ensino? Quem decide sobre o que ensinar? Em que forma os conteúdos são trabalhados: por disciplina, por área, com alguma forma de integração entre as disciplinas ou áreas? Há uso de livros didáticos pelos professores e estudantes? Fazer uma lista dos principais para cada disciplina ou área. **Em andamento**

Há planejamento pedagógico na escola? Quem faz? Quais os níveis de planejamento que existem? Que tipo de atividades são planejadas? **Em andamento**

Costumam acontecer atividades realizadas pelos estudantes fora da escola? Quais e em que tempo? **Em andamento**

Quais são os alimentos utilizados na merenda escolar e qual sua origem? Observar formas de preparo dos alimentos na escola. **Em andamento**

BLOCO 7: O QUE FAZEM AS CRIANÇAS E JOVENS NO TEMPO EM QUE NÃO ESTÃO NA ESCOLA

Levantamento detalhado por idade (sugestão de faixas: 6 a 8, 9 a 11, 12 a 15, 16 a 18 anos, conforme realidade de cada local) e distinguindo meninos e meninas e estudantes da escola e de fora, mas que moram na comunidade, sobre:

Participação nas atividades produtivas familiares ou comunitárias (quais atividades em quanto tempo diário médio)

Participação em trabalhos domésticos (quais atividades em quanto tempo diário médio)

Participação em jogos e brincadeiras (quais atividades, individuais e coletivas, em que tempo diário ou semanal)

Se assistem TV ou estão na internet, redes sociais, etc. (em que tempo diário ou semanal)

Leituras (quais, em que tempo, se para tarefas da escola ou por outras indicações)

Participação em grupos ou organizações entre si ou com os adultos (quais, em que tempo)

Participação em atividades culturais internas ou externas à comunidade (quais, em que tempo)..

REFERÊNCIAS:

CEAPLA. **Jardim Sensorial**. Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), UNESP. Disponível em: <https://igce.rc.unesp.br/#!/unidade-auxiliar/ceapla/jardim-sensorial4743/>. Acesso em: 26 jan. 2025.

FIOCRUZ. **Agroecologia**. In: **Dicionário de Agroecologia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019. Cap. Agroecologia, p. 59-71. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/dicionario_agroecologia_nov.pdf. Acesso em: 26 jan. 2025.

SALABERRY, Neuza T. Machado. **A APAE Educadora: na prática de uma unidade da APAE de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2758/1/000407645-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em 22 jan. 2025

TEIXEIRA, Luiz Sérgio. **Inventário da realidade: fazeres, saberes e sujeitos camponeses em prosas e rimas**. Revista Kirikere, Vitória, v. 23, n. 3, p. 45-60, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/32951/22624>. Acesso em: 26 jan. 2025.